



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANNA KAROLINE DE ARAÚJO CARNEIRO**

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: Closing Gitmo**

**JOÃO PESSOA – PB  
2010**

**ANNA KAROLINE DE ARAÚJO CARNEIRO**

**MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: Closing Gitmo**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sílvia Garcia Nogueira

JOÃO PESSOA – PB  
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

C289m Carneiro, Anna Karoline de Araújo.  
Mídia e relações internacionais: closing Gitmo / Anna  
Karoline de Araújo Carneiro. – 2010.  
56f. : il.

Digitado.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em  
Relações Internacionais) – Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas,  
2010.

“Orientação: Profª. Dra. Silvia Garcia Nogueira”.

1. Mídia. 2. Guantánamo. 3. Relações Internacionais. I.  
Título.

21. ed. CDD 302.23



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

FOLHA DE DEFESA COM OS MEMBROS DA BANCA

ALUNO(A): ANNA KAROLINE DE ARAUJO CARNEIRO  
MATRÍCULA: 07152064-3

**Mídia e Relações Internacionais: Closing Gitmo**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Professor(a) Silvia Garcia Nogueira (Orientador(a)) - UEPB

Professor(a) Filipe Reis Melo - UEPB

Professor(a) Cristina Carvalho Pacheco - UEPB

João Pessoa, 06 de dezembro de 2010.

*The future is no place to place your  
better days... (DAVE J. MATTHEWS)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela capacidade e pela disposição fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço a Ele pela oportunidade de reconhecer obstáculos, experimentar dificuldades e transpor barreiras.

Agradeço ao meu pai, Polion, pelos ensinamentos e pelo apreço ao intelecto que herdei. Constante inspiração, meu pai continua a ser um dos motivos pelos quais me esforço em todas as tarefas que me são destinadas. Agradeço também à minha mãe, Marúzia, pelo auxílio nos sufocos e pelo amor que só mães entendem. Agradeço a Yanna e Pollyana pela companhia certa, pelo cuidado e pela preocupação de irmãs mais velhas. Agradeço às minhas sobrinhas, Gabrielle, Anna Livia e Heloísa, pelas gargalhadas sinceras e por compartilhar comigo as descobertas da infância e da adolescência.

Agradeço ao meu noivo, Derek, pela paciência, pelo estímulo e por ser “the love of my life and the breath in my prayers”.

Agradeço aos amigos, os irmãos que eu escolhi, por todos os momentos de distração, mas também de dedicação, pelos ombros e pelas mãos, pelos abraços e pelos puxões de orelha, pelos jantares e bebedeiras, por tudo, enfim. Agradeço em especial às “divas” Samara, Denise, Suellen, Gabriela e Bárbara e aos “brothers” Carlos, Fábio, Leonardo, Phillipe, Rafael, Vítor e Diego.

Agradeço aos colegas de curso e todos os professores do curso de Relações Internacionais por abrirem meus horizontes, em especial a Doris Sayago, Heleno Rotta, Sílvia Nogueira, Cristina Pacheco e Iure Paiva, além do professor Filipe Reis Melo que se dispôs, gentilmente, a participar da minha banca examinadora.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, em especial a Dona Bia pela espontaneidade, carinho, sorrisos e conselhos.

Agradeço, finalmente, a todos os que me ajudaram direta ou indiretamente nesta caminhada e que enxergaram em mim potencial suficiente para ir até o fim, me apoiando e me encorajando até que eu percebesse que o caminho, na verdade, só está começando...

## RESUMO

Este trabalho concentra-se na atuação da mídia como um novo ator das relações internacionais, fazendo um estudo de caso que proporciona a percepção da influência e da importância dos meios de comunicação para a formulação e funcionamento de políticas. Sendo assim, esta monografia consiste em uma análise da cobertura midiática sobre o fechamento do campo de detenção em Guantánamo, Cuba, anunciado por Barack Obama como meta de governo desde sua campanha presidencial em 2008. A partir de uma pesquisa bibliográfica feita sob o ponto de vista de uma das várias interpretações do construtivismo, este trabalho analisa a relação existente entre os veículos de comunicação atuais, dando ênfase aos meios digitais, e o desenvolvimento do projeto de fechamento da base militar de Guantánamo, mostrando como a mídia pode exercer sua influência e ao mesmo tempo representar diversos setores da opinião pública internacional. Foram analisadas as principais teorias da Comunicação Internacional, tais como: Manufacturing Consent, The CNN Effect e as teorias de agenda e de duplo fluxo. Nesse sentido, foram constatados os diversos perfis sob os quais a mídia opera representando os mais diferentes setores da sociedade civil e atuando ativamente na construção das relações internacionais de nossos dias.

Palavras chaves: Comunicação, Guantánamo, Mídia.

## **ABSTRACT**

This work focuses on the role of the media as a new actor of international relations, making a case study that provides the perception of the influence and the importance of the media for the formulation of policies and its operations. Thus, this paper is an analysis of media coverage about the plans of closing the detention camp at Guantanamo Bay, Cuba, which was announced by Barack Obama as a government goal since his presidential campaign in 2008. After a literature research carried out under the point of view of one of the various interpretations of constructivism, this study examines the relationship between the media today, with emphasis on digital media, and the design and development of the policies for the closure of Guantanamo Bay, showing how the media can exert its influence while representing various sectors of international public opinion. The major theories of International Communication were analyzed, such as: Manufacturing Consent, The CNN Effect and the theories of agenda and dual flow. Accordingly, the various profiles under which the media operate were found, showing the way many different sectors of civil society are represented and actively work in building international relations nowadays.

**Keywords:** Communication, Guantanamo, Media.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1: GUANTÁNAMO E MÍDIA: APRESENTAÇÕES E CONTEXTOS .....	11
1.1 O surgimento político da Baía de Guantánamo e suas transformações .....	11
1.2 Histórico dos meios de comunicação e das grandes corporações midiáticas.....	13
CAPÍTULO 2: A MÍDIA COMO OBJETO DE PESQUISA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	20
2.1 O construtivismo e outras “ <i>supporting theories</i> ” .....	20
2.2 A mídia sob essa visão .....	21
CAPÍTULO 3: A ATUAÇÃO DA MÍDIA: CLOSING GITMO .....	30
3.1 Uma visão geral .....	30
3.2 Granma Internacional .....	33
3.3 Fox News .....	36
3.4 CNN International .....	41
3.5 The New York Times .....	44
CONCLUSÃO .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	50

## INTRODUÇÃO

Dado o cenário plural em que as relações internacionais atuais se desdobram e a construção incessante dos jogos de poder, das influências e impasses da política internacional, vemos que cada vez mais novos atores são percebidos e que novas abordagens para os elementos já existentes também aparecem como opção no estudo das Relações Internacionais.

É importante que se esclareça, em primeiro lugar, a importância da abordagem da Comunicação Internacional, sendo este um campo relativamente recente e a necessidade que se estabelece para a academia ao lidarmos com um tema tão polêmico quanto são as análises de mídia. Uma das características principais deste trabalho é a interdisciplinaridade. Apesar de utilizar conceitos advindos das Relações Internacionais e da História, dois campos teóricos bem estabelecidos, é preciso também que se destaque a escassez de trabalhos disponíveis sobre o subtema da Comunicação Internacional e a dificuldade de aprofundamento teórico específico na área.

A intenção deste trabalho não é somente comprovar a existência da mídia como um ator, já que partindo de uma análise construtivista da realidade, essa afirmação já é subentendida, mas este também tem como finalidade demonstrar a importância e a extensão do impacto, além da relação da mesma com os chamados “atores tradicionais” das Relações Internacionais, ou por assim dizer, os Estados.

A inspiração para esse estudo vem de trabalhos precursores no Brasil, como os de Júlia Faria Camargo (2009) que analisou a invasão do Iraque sob perspectiva metodológica semelhante a que me proponho.

O objetivo deste trabalho é registrar e analisar as várias nuances da mídia internacional sobre a desativação da base militar de Guantánamo, assim como relatar a maneira através da qual notícias atuam sobre a opinião pública e como os meios de comunicação acompanharam o desenvolvimento dessa história.

O estudo foi conduzido através de uma análise bibliográfica. Os recursos utilizados foram principalmente livros e sítios específicos da Internet de origem cubana,

norte-americana ou declaradamente internacionais, cujo processo e justificativa da escolha serão detalhadas posteriormente, no decorrer do trabalho.

Esta monografia divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo há uma breve contextualização histórica sobre a origem da base militar estadunidense em Guantánamo e a situação das relações entre Estados Unidos da América (EUA) e Cuba, além da apresentação dos meios de comunicação utilizados para a análise do tema.

No segundo capítulo, são realizadas uma explanação e uma discussão sobre o referencial teórico de Comunicação Internacional e Relações Internacionais, procurando responder à principal questão que move a produção deste trabalho: Qual é e como se dá a relação entre a mídia internacional e as ações dos Estados?

Já o terceiro capítulo oferece um estudo quantitativo e qualitativo das peças jornalísticas que foram reunidas durante o recorte histórico estabelecido de janeiro de 2006, quando a discussão veio à tona com uma força mais relevante, até novembro de 2010, além de um debate sobre os impasses e soluções apresentados pela mídia, como tentativa de organizar uma compilação retrospectiva e analítica das diversas coberturas feitas sobre o tema.

## 1. GUANTÁNAMO E MÍDIA: APRESENTAÇÕES E CONTEXTOS

### 1.1 O surgimento político da Baía de Guantánamo e suas transformações

Depois de sua independência, Cuba, como ex-colônia espanhola, passou a ser fortemente influenciada pelo governo norte-americano nos seus aspectos políticos, econômicos e militares. A Emenda Platt criada em 1901 e que vigorou até 1934, por exemplo, foi incluída à primeira constituição de Cuba e dava plenos poderes aos EUA de intervir militarmente no país, a fim de "proteger a vida, a propriedade e as liberdades individuais" (de acordo com os interesses estadunidenses), assim como também garantia o direito de comprar ou arrendar partes do território cubano que seriam utilizados para a montagem de bases navais (SIERRA, J.A. <http://www.historyofcuba.com/history/platt.htm>, 2010).

Foi dessa maneira que surgiu a base militar de Guantánamo. Apesar de somente ter sido alugada em 1903, pelo irrisório valor de 4.085 dólares anuais – ou 2.000 moedas de ouro por ano (BOADLES, 2007) - e através de um contrato de arrendamento perpétuo, foi estabelecida durante a Guerra Hispano-Americana em 1898.

Depois da Revolução Cubana, já em 1961, houve o colapso geral das relações entre os dois países, culminando com a sua ruptura diplomática, visto o contexto histórico mundial de Guerra Fria. A base militar, no entanto, permaneceu mesmo sem a comunicação bilateral e frente o estabelecimento de um forte embargo econômico que dura até os dias de hoje (SANCHEZ, 2009).

Em 2002, o então presidente George W. Bush transformou a base naval em centro de detenção para acusados de terrorismo, entre outros, que estavam fora dos limites dos EUA e eram capturados fora do país (MELLO; SIMON, 2009). Nacionais de países islâmicos constituem o principal perfil de encarcerados (The New York Times, The Guantánamo Docket. 2010).

Depois de mais de 50 anos de conflitos e tensões, além de polêmicas que envolvem a utilização de mecanismos de tortura, prisões sem acusação formal e crimes contra os Direitos Humanos, em 2008, durante as campanhas presidenciais nos EUA,

Barack Obama demonstrou sua vontade de, além de manter uma melhor relação com os países latino-americanos, desativar o Centro de Detenção da Baía de Guantánamo.

No dia 22 de janeiro de 2009, dois dias após sua posse oficial, o atual presidente Barack H. Obama determinou que a Agência Central de Inteligência norte-americana (CIA) encerrasse seu programa secreto de interrogatórios, e também o fechamento do campo de detenção da Baía de Guantánamo dentro de um ano<sup>1</sup>

Quase que imediatamente apareceram diversas dificuldades, já que os republicanos, contrários ao partido democrata que apóia Obama, criticaram a decisão veementemente, dizendo que tal ação proporcionaria a soltura de perigosos terroristas. Seria necessário convencer a população americana de que aquela era a melhor decisão para a segurança nacional, naquele momento (BROWNBACK, 2009).

Começaram as negociações internacionais para o remanejamento dos presos e a soltura de alguns deles, o que causou forte repercussão na Mídia. O tempo passou e assim que a Casa Branca reconheceu que perderia o prazo para cumprir a promessa, também declarou que os detentos seriam mandados para uma prisão de segurança máxima em Thomson, no estado norte-americano de Illinois, a aproximadamente 240km de Chicago. Impedimentos apareceram no Congresso e, segundo algumas fontes, o Executivo fez pouco para ultrapassar tais barreiras<sup>2</sup>.

“There is a lot of inertia” against closing the prison, “and the administration is not putting a lot of energy behind their position that I can see,” said Senator Carl Levin, the Michigan Democrat who is chairman of the Senate Armed Services Committee and supports the Illinois plan. (SAVAGE, 2010)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.whitehouse.gov/the\\_press\\_office/ClosureOfGuantanamoDetentionFacilities/](http://www.whitehouse.gov/the_press_office/ClosureOfGuantanamoDetentionFacilities/)

<sup>2</sup>

<http://www.nytimes.com/2010/06/26/us/politics/26gitmo.html?scp=1&sq=%22close%20guantanamo%22&st=cse>

<sup>3</sup> “Há muita inércia” contra fechar a prisão, “e a administração não está pondo muita energia no posicionamento pelo que vejo,” disse o Senador Carl Levin, democrata de Michigan que é presidente do Comitê de Serviços Armados do Senado e apóia o plano de Illinois.

Essas mesmas fontes que criticam as ações políticas do governo estadunidense e influenciam a opinião pública internacional tiveram sua origem séculos atrás, com características que possibilitariam uma mudança nas formulações de políticas e na condução das relações internacionais.

## 1.2 Histórico dos meios de comunicação e das grandes corporações midiáticas

O surgimento das grandes indústrias de mídia atuais nos remete ao século XV e a invenção das técnicas de impressão pelo alemão Johannes Gutenberg. Os primeiros jornais impressos tratavam de noticiar os acontecimentos de locais distantes de onde o jornal tinha origem, nascendo, assim, já internacional (NATALI *apud* CAMARGO, 2009).

No século XIX, nasceram as primeiras agências internacionais de notícias. A *French Havas Agency* em 1835, a Wolff em 1849 e a Reuters em 1851, todas recebiam subsídio dos governos da França, Alemanha e Inglaterra, respectivamente, para manter seus escritórios. Em 1870, estas mesmas agências assinaram o *Ring Combination*, um tratado que definia a influência econômica e geográfica de cada uma delas. No entanto, depois do enfraquecimento da hegemonia européia característica da fase pós Primeira Guerra Mundial, esse cartel foi quebrado com a criação das agências internacionais de notícias nos Estados Unidos (a *Associated Press* e a *United Press International*) e depois da Segunda Guerra Mundial, houve a transformação da Havas em *France Presse* e o fortalecimento da *Associated Press* e da *Reuters*, que hoje praticamente dominam o controle das notícias no mundo inteiro (CAMARGO, 2009).<sup>4</sup>

Considera-se que o alcance geográfico dos meios de comunicação hoje é ilimitado já que o desenvolvimento das tecnologias, o advento das fases superiores do capitalismo e a liberalização cada vez maior dos mercados permitem a formação do que chamamos

---

<sup>4</sup> Ver também BRIGGS e BURKE, 2006 e DARNTON, 1990.

de grandes oligopólios da notícia, estes compostos por grandes empresas como algumas das que serão utilizadas neste trabalho.

Para uma análise que cobrisse as mais variadas opiniões relacionadas ao tema, foi feita uma seleção de alguns meios de comunicação internacionais a serem analisados. Após uma rápida leitura de diversos veículos, inclusive os nacionais, foram escolhidos alguns para análise, com base no seu alcance e influência mundial. Procurou-se, além disso, notar, em cada um deles, diferenças nos seguintes aspectos para a tomada da decisão final sobre que periódicos seriam analisados neste trabalho:

- A quantidade de matérias jornalísticas, assim como o espaço reservado em seus sítios *online* para a discussão sobre o tema;
- A variedade de fontes ouvidas para a confecção das matérias;
- A abrangência de temas priorizados durante o recorte temporal desta pesquisa, tais como terrorismo, política doméstica, economia, etc;
- O posicionamento do editorial a respeito do assunto.

Assim sendo, foram escolhidos dois estadunidenses de diferentes segmentos e tradições: *The New York Times* e a *Fox News*. Também fiz utilização de uma rede de notícias presente em mais de 212 países: a *CNN International*. Além disso, também foi selecionada uma mídia tradicional de Cuba, o *Granma Internacional* para que pudesse ser feita uma análise da opinião interna sobre o que acontece em Guantánamo e sobre as negociações e assuntos relacionados ao fechamento do campo de detenção na base militar estadunidense localizada em solo cubano.

Como a polêmica sobre Guantánamo também está inserida na discussão sobre o que chamamos de “guerra contra o terror”, vale salientar o fato de que as opiniões sobre o caso em questão são fortemente influenciadas pela opinião que os repórteres, suas fontes e seus respectivos meios de comunicação têm sobre temas como terrorismo, segurança nacional estadunidense e as guerras ocorridas no Oriente Médio durante os primeiros anos deste século.

Para um maior entendimento da metodologia e de como se configura a análise proposta neste trabalho, teremos a seguir uma breve introdução aos meios de

comunicação utilizados nesta pesquisa. Nos próximos subtópicos, procurar-se-á evidenciar a história, a linha editorial e diferentes fatos relevantes sobre cada um dos veículos, além da maneira como estes serão explorados.

### 1.2.1 *The New York Times* (EUA)

Fundado em 18 de setembro de 1851 e considerado um dos mais importantes meios de comunicação impressos dos Estados Unidos da América, o *The New York Times* é um jornal que preza pela diversidade em sua equipe e é conhecido por sua opinião liberal (OKRENT, 2004), de centro-esquerda moderada<sup>5</sup>.

Começou a ser publicado também na rede mundial de computadores a partir do ano de 1996 e tal inovação foi responsável por 14% dos lucros da *The New York Times Company* (NYTCo) em 2009. Esta, por sua vez, inclui *The New York Times*, *The International Herald Tribune*, *The Boston Globe*, 15 outros jornais diários e mais de 50 websites, incluindo o NYTimes.com, Boston.com e About.com.

Segundo a companhia NYTCo, a principal proposta da companhia é “melhorar a sociedade através da criação, reunião e distribuição de notícias de alta qualidade, informação e entretenimento”<sup>6</sup>.

O conselho de diretores, principais investidores e chefes da NYTCo é determinado pela presença de jornalistas renomados, mas também de economistas, banqueiros e nomes envolvidos com outras companhias internacionais e até fundos de investimentos de outros países.

O acesso às informações sobre Guantánamo é deveras fácil e aberto. O sítio<sup>7</sup> tem, entre outras facilidades, uma ferramenta de busca que permite ver as notícias mais

---

<sup>5</sup> É importante salientar que tal rotulação de posicionamento político tem conotações diferentes em diversos países. No caso em questão, um meio de comunicação liberal estadunidense ainda pode ser considerado bastante conservador no Brasil, ou na França, por exemplo.

<sup>6</sup> Todas as informações referentes ao histórico e propostas deste veículo de comunicação estão disponíveis em <http://www.nytc.com/company/>.

acessadas e termos relacionados à notícia que está sendo lida. No caso de Guantánamo, estes são (em ordem de aparição, em outubro de 2010): Terrorismo, Al Qaeda, a Suprema Corte norte-americana e Khalid Shaikh Mohammed, apontado como o mentor intelectual do ataque terrorista ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, e que ainda se encontra detido.

Além disso, o sítio conta com uma seção criada em janeiro de 2009, para debate de especialistas, em sua maioria professores universitários das mais famosas escolas dos EUA, que comentam os principais desafios do fechamento de Guantánamo e também oferece o “*The Guantánamo Docket*”<sup>8</sup> que contém nome, cidadania, *status* e a linha do tempo dos 779 detentos que já passaram pelo centro de detenção.

Apesar de já serem feitas abordagens sobre o fim de Guantánamo em 2006, os debates mais concretos sobre o fechamento do centro de detenção estadunidense em território cubano começaram em 2008, pouco antes do anúncio oficial dos planos de Obama em sua campanha presidencial. A polêmica surgiu a partir da decisão da Suprema Corte de prover *Habeas Corpus* aos prisioneiros que se encontravam na ilha. As visões, de início, eram pessimistas e viam a ação como um assunto delicado, ainda que fosse necessário ser discutido (GLABERSON, 2008a).

As polêmicas envolvem diversos assuntos desde o destino dos detentos acusados de terrorismo, passando pelas denúncias de crimes contra os direitos humanos e o questionamento da presença estadunidense em território cubano, culminando com a possível retomada das relações bilaterais com a ilha, ou o fim do bloqueio econômico que já perdura por aproximadamente 50 anos.

### 1.2.2 *CNN International*

A *Cable News Network* (CNN) é uma rede de televisão norte-americana, fundada em 1 de junho de 1980 e que, atualmente, é um dos canais de notícias mais

---

<sup>7</sup> [www.nytimes.com](http://www.nytimes.com)

<sup>8</sup> <http://projects.nytimes.com/guantanamo>

assistidos nos EUA, perdendo apenas para a Fox News e tendo também como forte concorrente a MSNBC (CARTER, 2009). Esta foi a primeira emissora a transmitir, ao vivo, a cobertura dos ataques de 11 de setembro de 2001. Também conhecida por seu cunho político liberal, a *CNN International* surgiu em 1985, ligada a *Time Warner Incorporated* e difere da CNN norte-americana por seu alcance e assuntos de concentração.

Diferente do NYTCO, a possibilidade de acesso aos dados mostrou-se menos fácil. Não há como ordenar, no sítio<sup>9</sup>, as citações sobre Guantánamo por quantidade de acessos, somente por data e relevância.

A utilização desta fonte, no entanto, torna-se importante pelo fato de conduzir várias pesquisas de opinião pública, a exemplo da que foi feita durante o período de 19 a 21 de março de 2010, sobre o fechamento da prisão em Guantánamo e o remanejamento dos que lá se encontravam detidos<sup>10</sup>. Esta mesma pesquisa demonstrou uma diminuição de 12% na parcela da opinião pública que apóia tal atitude, em comparação a uma pesquisa semelhante de janeiro de 2009<sup>11</sup>.

### 1.2.3 *Granma* (Cuba)

*Granma* é o jornal oficial do Comitê Central do Partido Comunista Cubano. Foi fundado em 3 de outubro de 1965, tendo origem na fusão de outros dois jornais diários: o *Revolución* e o *Hoy*. É publicado diariamente e amplamente lido, contando com edições semanais em outras cinco línguas, fora o espanhol: inglês, francês, português, alemão e italiano (Enciclopédia Britannica, 2010). Sua versão internacional para *Internet* funciona desde 1996.

---

<sup>9</sup> [www.edition.cnn.com](http://www.edition.cnn.com)

<sup>10</sup> Disponível em: <http://i2.cdn.turner.com/cnn/2010/images/03/26/rel5k.pdf>

<sup>11</sup> Disponível em: <http://politicalticker.blogs.cnn.com/2009/01/21/cnn-poll-americans-split-on-closing-guantanamo-bay-prison/>

A pesquisa na página eletrônica desse jornal cubano<sup>12</sup> em sua versão internacional é vinculada aos mecanismos de pesquisa do *Google*, ou seja, não há um mecanismo próprio de busca no sítio. Entre 2008 e outubro de 2010, há 80 citações sobre Guantánamo, no entanto, nem todas dizem respeito ao centro de detenções na baía cubana.

As peças jornalísticas e artigos de opinião publicados no sítio (que incluem algumas reflexões do próprio Fidel Castro, publicadas semanalmente) cobram atitudes mais concretas de Obama e abordam as questões de tortura, devolução do território da baía de Guantánamo, a libertação dos “cinco de Miami” (cinco cubanos presos nos EUA acusados de terrorismo, outro caso famosíssimo na mídia internacional e na política latino-americana) e o fim do bloqueio econômico.

#### 1.2.4 *Fox News Channel* (EUA)

Parte da *Fox Entertainment*, subsidiária da *News Corporation*, a *Fox News* foi fundada por Rupert Murdoch e Roger Ailes. Murdoch é um magnata australiano-americano, que também é dono de empresas como a *Sky*, *Telecine* e *Myspace.com* (CAMARGO, 2009). Ailes é um ex-executivo de outro famoso canal de TV – a *NBC*, sendo que este último também pertenceu à elite política estadunidense, tendo sido consultor de mídia dos governos republicanos de Nixon, Reagan e George H. W. Bush. Foi lançado em sua forma *online*<sup>13</sup> em dezembro de 1995.

Há muito debate sobre a tendência política conservadora fortemente demonstrada nas peças jornalísticas publicadas pela *Fox News*. Embora tenham como um de seus slogans “*Fair & Balanced*” (justo e equilibrado, em português), fala-se que este canal é o “mais tendencioso nome nas notícias” (ACKERMAN, 2001).

---

<sup>12</sup> <http://www.granma.cu/>

<sup>13</sup> [www.foxnews.com](http://www.foxnews.com)

Em setembro de 2009, a administração Obama passou por atritos com a Fox News, chegando inclusive ao ponto de pronunciamentos concretos contra esta rede de televisão:

“We’re going to treat them the way we would treat an opponent (...) As they are undertaking a war against Barack Obama and the White House, we don’t need to pretend that this is the way that legitimate news organizations behave.” (DUNN *apud* STELTER, 2009)<sup>14</sup>

A respeito da pesquisa no sítio deste meio de comunicação na Internet, este é muito rico em informações, vídeos, links para blogs de opiniões, além de ter uma ferramenta muito útil para separar notícias de períodos determinados.

Para corroborar com o assunto de interesse deste trabalho, foram pesquisadas notícias contendo a expressão “close Guantánamo” (fechar Guantánamo) e nos deparamos com 46 citações só para este exato termo se especificarmos o recorte temporal para o ano de 2010 (até o mês de outubro) e mais de 200 se não forem levadas em consideração notícias do período de 2006 até 2010.

A maior preocupação que aparece nas notícias é a de como o fechamento do campo de detenção da Baía de Guantánamo pode afetar a segurança nacional dos EUA, “deixando assassinos de volta ao campo de batalha” (MCCONNEL *apud* SELSKY, 2009).

Sendo assim, vemos que os quatro meios de comunicação escolhidos têm opiniões divergentes sobre Guantánamo e se utilizam de fontes diversas, diferentes maneiras de retratar a realidade. É sobre essas maneiras de representação e conseqüente construção da realidade que o próximo capítulo discorrerá.

---

<sup>14</sup> “Nós iremos tratá-los como trataríamos um oponente. Como eles estão investindo em uma guerra contra Barack Obama e a Casa Branca, nós não precisamos fingir que esta é a maneira que fontes de notícias legítimas se comportam.” (Tradução livre)

## 2. A MÍDIA COMO OBJETO DE PESQUISA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### 2.1 O construtivismo e outras “*supporting theories*”

O construtivismo como teoria das Relações Internacionais surgiu no final da década de 80, com o lançamento do livro “*The World of our making rules and rule in social theory and international relations*” de Nicholas Onuf e no começo da década de 90, com a publicação do artigo “*Anarchy is what states make of it*” de Wendt (CAMARGO, 2009, p.22).

A partir da premissa de que o mundo se constrói incessantemente, as contribuições, não somente dos dois autores supracitados mas também de Ruggie (1998) e Adler (2002), para as Relações Internacionais realizaram-se principalmente no tocante à idéia de que a realidade não é absoluta, imutável, muito menos imposta ou “dada”, mas sim algo que depende muito dos valores, discursos, interesses e identidades que fazem parte da construção social do meio internacional e que sofrem mudanças ao longo do tempo. Tais características não se restringem ao estudo das Relações Internacionais, mas o construtivismo é uma corrente que também modificou várias outras ciências sociais (MESSARI; NOGUEIRA, 2005, p.163).

Dentro dessa teoria, também há a admissão de novos atores, ou agentes, que influenciam o meio assim como o mesmo os influencia num processo chamado de “co-construção”, ou “co-constituição”, não existindo um sem o outro (MESSARI; NOGUEIRA, 2005, p. 167). Inclui-se, dessa maneira, a mídia como um agente ativo e não simplesmente como um fator de apoio aos Estados como principais atores das relações internacionais, visão esta que faz parte do núcleo duro das teorias anteriores. Principalmente para os construtivistas considerados “modernistas-linguistas” (ADLER, 2002 *apud* CAMARGO, 2009), a serem utilizados nesse trabalho, embora não abordem diretamente o papel da mídia em suas análises, também existe uma ênfase no papel das idéias e do discurso, estando estes completamente ligados aos atos que os seguem.

Essa visão é muito importante para entender a dinâmica da política mundial atual, já que com os movimentos de globalização, o mundo passa a estar integrado rapidamente e como consequência disso, muda de maneira mais veloz. A mídia, em todos os seus meios de alcance (falado, escrito, televisivo, online, etc.), passa a ter uma função primordial nesse processo constante de construção, proporcionando a interação das pessoas e cadeias de ações e reações que se “co-constituem” contínua e permanentemente.

Com inspiração na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (1987), que explicita que a interação social ocorre com base na linguagem, ou seja, com base nos chamados atos comunicativos, a teoria construtivista volta sua atenção para a linguagem como ferramenta construtora, representativa e transformadora da realidade. A linguagem é governada por certas regras que, por sua vez, podem ser vistas como os discursos estabelecidos através do tempo, construídas por agentes e estruturas. Em outras palavras, a linguagem é o meio pelo qual a interação entre agentes e estruturas é possível, gerando as regras necessárias para a construção dos discursos e, conseqüentemente, da realidade.

Outra teoria que pode ser utilizada para esta análise é a da Nova História Cultural, que não é diretamente relacionada às Relações Internacionais, mas que enriquece o debate acrescentando a preocupação com a crítica das fontes, no sentido de questionar: para quem e com que intuito tal artigo jornalístico é escrito?

## 2.2 A mídia sob essa visão

Depois de tornar conhecido todos os aspectos do construtivismo e de outras teorias que podem ser levadas em consideração no debate que estamos propondo, é necessário definir mídia e diferenciar a mídia internacional como objeto da nossa pesquisa.

Mídia (palavra derivada do latim *medium* cuja tradução é meio e *media*, significando o plural, meios) diz respeito a todo veículo de comunicação utilizado para

divulgar fatos ou opiniões previamente coletadas para o maior número de pessoas possível, seja este veículo escrito, digital, televisivo, etc.

Esta procura por um alcance cada vez maior da mídia é característica do período pós-moderno em que vivemos, em que com o advento de ferramentas como a Internet e o crescimento do investimento em telecomunicações, toda informação é facilmente acessada em qualquer lugar do mundo, a qualquer momento.

Em um rápido apanhado histórico, veremos que a origem do uso da palavra mídia está nas pesquisas norte-americanas sobre *mass media*, herdeiras (em sentido cronológico) dos estudos sobre voto, comportamento eleitoral, propaganda e opinião pública nos períodos pré e pós-guerras, entre os anos 1920 e os 1940, nos Estados Unidos (...). (WOLF, 2003 *apud* GUAZINA, 2007, p. 3).

Também entre os anos de 1920 e 1940, surgiu o interesse no estudo da Comunicação Internacional, primeiramente baseada nas informações trocadas entre os governos e só depois englobando questões políticas, econômicas, sociais, culturais e militares sob pontos de vista mais gerais.

Dentro desse enfoque, no entanto, há uma correlação da mídia a que estamos nos referindo e as idéias de cultura de massa e indústria cultural trazidas por autores como Adorno e Horkheimer (1997), sendo a premissa mais característica dessas teorias a idéia de que existe uma massa de consumidores para aquilo que é propositalmente produzido para tornar-se popular.

A partir daí começa uma discussão sobre o uso dos veículos de comunicação disponíveis com fins de manipular uma grande massa, em que estes agem como ator ou como coator, em diversos momentos. Camargo (2009) apresenta cada um desses papéis. Quando a mídia, movida por vários interesses, passa a privilegiar certas pautas, movimentos, candidatos ou disseminar modismos, está agindo como ator, participando do que alguns autores denominam de “*agenda setting*” (MCCOMBS, 2005, p.156). Porém, quando a mídia abre espaço para que outras pessoas ou grupos de interesse o façam, é transformada em coator.

Assim, é possível refletir que a atuação da mídia – com a sua capacidade de construir e disseminar em larga escala realidades sociais por meio de seu discurso diário – compartilha com os outros

agentes a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses. E em um movimento dialógico, igualmente, a mídia é constituída e influenciada pela estrutura da realidade política internacional (CAMARGO, 2009, p. 27).

Gilboa (2002), discute as diversas maneiras como os veículos de comunicação global podem ser vistos ou como tais atuam no cenário mundial, quando já é subentendida a influência da mídia na formulação da política externa. O autor separa quatro tipos diferentes de atores, em que se utiliza de diferentes conceitos e contextos para representar atividades diversas a que a mídia se destina. São eles: ator controlador, o ator constrangedor, o ator interventor e o ator instrumental.

O primeiro perfil (controlador) também pode ser chamado de “*The CNN Effect Theory*”, traduzindo como os meios de comunicação e em especial as redes de televisão têm se tornado um ator direto na formulação de políticas de defesa e política externa em geral. Em um contexto de intervenção humanitária, por exemplo, contexto este muito comum no período pós Guerra Fria, pode-se ver com frequência a mídia como um agente atuante, sugerindo o que deve ser feito, pressionando os governos e influenciando a opinião pública. Gilboa (2002) até faz uma citação de James Baker III (1995), ex-Secretário de Defesa norte-americano:

“The terrible tragedy of Tiananmen [referindo-se ao massacre na Praça da Paz Celestial, na China, em 1989 e a famosa imagem de um homem sozinho encarando um tanque de guerra que se aproximava] was a classic illustration of a powerful new phenomenon: the ability of the global communications revolution to drive policy” (BAKER, 1995 *apud* GILBOA, 2002, p. 733).<sup>15</sup>

Gilboa (2002) também dá como exemplos a ação de intervenção do governo estadunidense na Somália (1994), Ruanda (1994) e Kosovo (1999).

---

<sup>15</sup> “A terrível tragédia de Tiananmen foi uma ilustração clássica de um novo fenômeno poderoso: a habilidade da revolução das comunicações globais de conduzir política.” (Tradução livre)

Segundo alguns estudos, como o de Robinson (2000), a teoria do *CNN Effect* contradiz a do *Manufacturing Consent*, termo inicialmente utilizado por Lippman (1998), autor de “*The Public Opinion*”, mas popularizado nos estudos do lingüista e escritor político Noam Chomsky. Esta teoria, por sua vez, diz que a mídia reflete ou apóia, na maioria das vezes, qualquer política oficial estabelecida, ou seja, proporcionando a idéia de um falso consenso dentro de sociedades democráticas.

Já o segundo perfil explicitado por Gilboa (2002) traz o perfil constrangedor, ou “*Real Time Policy*”, que chama a atenção para a rapidez dos meios de comunicação atuais em detrimento dos meios oficiais diplomáticos. Leva-se em consideração a tomada de decisões em curto prazo através da pressão midiática. Como exemplo, o autor cita um episódio em que Saddam Hussein, durante a crise do Golfo em 1990-1991, propôs um plano de paz através da CNN, o que depois foi reconhecido por Washington como uma proposta falsa.

O terceiro perfil apontado no mesmo artigo traz a mídia como um ator interventor. Isso significa que os meios de comunicação também podem servir como mediadores de conflitos ou ainda, os repórteres podem agir como diplomatas, catalisando acordos e resoluções. Um exemplo de tal atuação está no trabalho de Ted Koppel, da rede norte-americana de televisão *ABC News*. Em seu programa *Nightline*, Koppel aproxima representantes de diferentes partidos, movimentos sociais, raças e Estados para discutir os assuntos que os dividem. No programa já estiveram desde *tutsis* e *hutus* até palestinos e israelenses.

O quarto e último perfil analisado por Gilboa (2002) é o de ator instrumental, ou o que o autor chama de “*Media Diplomacy*” para a qual ele utiliza a seguinte definição: “Media diplomacy refers to uses of the media by leaders to Express interest in negotiation, to build confidence, and to mobilize public support for agreements” (GILBOA, 1998, p. 62-63). O autor cita a histórica visita de Sadat a Jerusalém em 1977 como um exemplo de um grande evento internacional transmitido pela grande mídia, assim como o acordo de Camp David em 1978 e a Conferência de Paz de Madrid em 1991.

Outro estudo, no entanto, é realizado por Robinson (2000) levando em consideração dois diferentes casos em que a mídia desempenhou um papel crucial ou

simplesmente não foi relevante para as tomadas das decisões ou para a formação da opinião pública mundial. São eles, respectivamente: o caso da invasão dos EUA à Bósnia, em 1995, e a não intervenção norte-americana em Kosovo, no ano de 1999. O autor constatou, assim, criticando ainda a teoria do “Efeito CNN”, que a mídia só tem influência considerável quando há incerteza política sobre a ação a ser tomada ou a cobertura mostra e enfatiza sofrimentos humanos.

No caso de Guantánamo, há a presença dos dois “pré-requisitos” apontados por Robinson, já que as ações posteriores ao fechamento do campo de detenção naquela base militar estão cercadas de uma incerteza perene que envolve questões como o destino dos detentos, as conseqüências do ato para a segurança nacional dos EUA, o apoio popular ao presidente Obama e as relações bilaterais com Cuba. No entanto, também existe uma pressão advinda de denúncias do uso de tortura e do desrespeito aos Direitos Humanos e à Convenção de Genebra. Tais denúncias não partem somente dos veículos de comunicação convencionais, mas também de Organizações Não Governamentais (ONGs) que têm peso no cenário internacional e podem agir como atores através da mídia, ou em colaboração com esta.

Estas organizações não são o objeto de análise deste trabalho, mas algumas são freqüentemente citadas por matérias jornalísticas dos veículos analisados aqui. Entre elas: *American Civil Liberties Union (ACLU)*, *Amnesty International (AI)*, *New Security Action (NSA)*, entre outras.

Além das teorias acima apresentadas a respeito dos diversos papéis desenvolvidos pela mídia internacional como um novo ator das relações internacionais, há duas teorias principais que discutem a forma através da qual ela afeta a população e conseqüentemente os acontecimentos internacionais.

A teoria de duplo fluxo indica que os órgãos de comunicação atingem somente as pessoas mais sensíveis e essas pessoas depois influenciam o resto dos cidadãos. (...) Uma outra perspectiva, a teoria de agenda, indica que órgãos de comunicação influenciam de maneira determinante temas que se vão discutir na sociedade e, igualmente, influenciam a forma como estes temas são percebidos e considerados pelas pessoas (RADENOVIC, p. 96).

Por essa perspectiva, pode-se aproximar a teoria de agenda à teoria de “manufacturing consent” de Chomsky (1988), ao perceber-se que o fator cognitivo de cada um dos cidadãos não é levado em consideração, mas sim há uma escolha do que é retratado nos meios de comunicação, através de uma repetição das notícias e ocorre uma ilusão de unanimidade ou consenso sobre a representação da realidade.

Uma das primeiras vezes em que o tema da comunicação nas relações internacionais veio à tona, ganhando atenção de países periféricos e inclusive da UNESCO foi nos anos 80 com o acontecimento do debate “Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação” (NOMIC).

A iniciativa da NOMIC deu início a uma discussão sobre as diferenças entre os fluxos de informação nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos<sup>16</sup>. Do debate originou-se um documento, o Relatório MacBride<sup>17</sup>, com o título “*Many Voices, One World*” propondo mudanças e estratégias para equilibrar o desenvolvimento nos setores de informação e comunicação pelo mundo. As críticas presentes nesse documento incluíam, entre outras, a distorção das notícias feita pelos grandes monopólios midiáticos dos países mais ricos.

Nelson (2008) fez um estudo a respeito da cobertura de três jornais asiáticos a respeito do terrorismo e da “Guerra contra o Terror” na Malásia, em Cingapura e Indonésia. Nesse estudo, constatou a dependência dos meios de comunicação de países subdesenvolvidos para com as grandes agências internacionais de notícias:

Pelo menos três hipóteses podem ajudar a compreender essa tendência: a primeira é que os jornais são passivos às fontes de informação oficiais; a segunda hipótese é que o uso de fontes oficiais pode servir para revelar o grau de extensão da associação entre jornais, governos e grupos econômicos. A terceira hipótese é que as agências internacionais de notícias oferecem o tipo de conteúdo que as publicações querem, independente se as coberturas apresentam ou não o contexto local ou global (NELSON, 2008, p. 67-68).

---

<sup>16</sup> Aprofundar os conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento não é nosso objetivo. Por isso, utilizamos a mesma definição de Camargo (2009), o que leva em consideração a dependência em relação a diversos fatores como economia, infra-estrutura e inclusive os setores de informação.

<sup>17</sup> O relatório pode ser lido na íntegra em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf>

Guareschi (1987) corrobora com essa noção de dependência, evidenciando a intensa participação das agências internacionais de notícias nos meios de comunicação latino-americanos:

Uma pesquisa feita, em 1975, pela UNESCO-CIESPAL, sobre as organizações de comunicação latino-americanas, mostrou que a UPI [*United Press International*] serve a 16, dos 20 países latino-americanos e a AP [*Associated Press*] serve a 14. Essas duas agências noticiosas dominam o conteúdo internacional dos meios noticiosos da América Latina. Como foi mostrado por Markham (1961), as notícias estrangeiras em sete diários latino-americanos, eram supridas, quase que inteiramente, pelas duas agências dos EUA, e a *France Press*, da França. A UPI, sozinha, fornecia 47% de todos os itens desses jornais diários (GUARESCHI, 1987, p.35).

No entanto, a forte oposição por parte de muitas organizações privadas internacionais acabou fazendo com que o NOMIC fosse esquecido e que países como Reino Unido e EUA se retirassem da organização (incorporando-se novamente em 1997 e 2003, respectivamente). A contribuição do projeto para o debate foi deveras importante, pois nas décadas seguintes, a UNESCO integrou na sua agenda política temas como a democratização da comunicação, a sociedade da informação e a inclusão digital (AGUIAR, 2008).

Todos esses novos temas levam em consideração o avanço das tecnologias de informação e comunicação, assim como os processos cada vez mais evidentes de globalização. A abordagem de tais assuntos é importante para refletir o quão global é o alcance da mídia e se é possível a formação de uma opinião pública mundial, já que:

Para poder existir uma verdadeira opinião pública mundial (...) é ainda necessário que todas as pessoas do mundo tenham livre acesso à informação através de um processo democrático, bem como a existência de capacidades cognitivas que permitam receber e analisar a informação (RADENOVIC, p. 93).

Assim sendo, percebe-se com clareza que ainda nos dias de hoje, a mídia dos países periféricos continua dependendo do que é publicado na grande mídia

internacional, fato este que acontece, muitas vezes, através de um processo que Onuf (1998, p.66 *apud* CAMARGO, 2009, p.30) chama de “convenção”.

Para a análise das mídias sob a luz de uma interpretação construtivista, a convenção difere-se das regras que orientam as interações humanas pelo simples fato de serem uma repetição de um discurso que gera um mesmo efeito, não uma afirmação daquilo que deve ser feito. A linguagem, dessa maneira, passa a informar os agentes daquilo que sempre fizeram, ou do que já acontece, mas sem acrescentar, sem modificar, sem criar novas regras.

Torna-se necessário, ainda, chamar atenção para o mínimo espaço destinado ao debate da mídia como ator, assim como ferramenta de *soft power* utilizada pelos governos, dentro da literatura de Relações Internacionais. Um dos motivos para essa percebida indiferença no campo vem do fato de que a academia é fortemente influenciada pelos valores norte-americanos conservadores característicos das primeiras iniciativas teóricas e que mesmo em manuais de Relações Internacionais que trazem os novos temas da área, a temática da mídia continua um tanto ausente (MARINUCCI, 2008).

Marinucci (2008) analisa o manual de Wendzel (1985), no qual os meios de comunicação são abordados quanto à sua importância para as relações internacionais. A mídia ora aparece como o caráter propagandista do governo, ora como agentes secundários. Sob o primeiro perfil, os veículos de comunicação serviriam como “armas” (termo utilizado pelo próprio autor) para a legitimização de ações e idéias, sem ignorar a possibilidade de manipulação ou criação de dados para alcançar um resultado específico, o que torna a mídia “uma peça fundamental no arsenal do formulador de política” (WENDZEL, 1985, p. 212 *apud* MARINUCCI, 2008, p. 46). Esse raciocínio está muito relacionado a uma inclinação realista do modo de ver as relações internacionais, ou seja, a maneira que nos remete à idéia do Estado como principal ator das relações internacionais e à preocupação com o interesse nacional. Já quando considera a mídia um ator secundário, Wendzel (1985) justifica tal opinião com a crença de que a grande massa não é influenciada pelos fatos da política internacional. Em outro momento, há a abordagem da mídia como construtora da opinião pública, porém sem se referir ao modo como essa opinião é elaborada.

Percebe-se, assim, que quando se trata de qualquer assunto, a participação da mídia acontece das mais variadas formas, mostrando os perfis que os meios de comunicação podem assumir no meio internacional. Dessa maneira, para este trabalho, faz-se imprescindível organizar uma compilação das coberturas jornalísticas a respeito do fechamento da base naval em Guantánamo para que esses perfis sejam identificados e analisados com maior profundidade.

### 3. A ATUAÇÃO DA MÍDIA: CLOSING GITMO

#### 3.1 Uma visão geral

Barack Obama, quando ainda era senador, em 2007, inaugurou a discussão do fechamento das comissões militares e a desativação do campo de detenção na Baía de Guantánamo, como uma forma de responder às pressões da mídia e de ONGs que reivindicavam maior atenção e explicações do governo norte-americano às acusações de tortura e desrespeito aos Direitos Humanos. A medida também foi vista como mais uma maneira de romper com as políticas tradicionais da chamada Guerra contra o Terror impetrada por George W. Bush em seus oito anos de governo, em que Guantánamo tinha um peso importante.

“Why don't we close Guantanamo and restore the right of habeas corpus, because that's how we lead, not with the might of our military, but the power of our ideals and the power of our values. It's time to show the world we're not a country that ships prisoners in the dead of night to be tortured in far off countries. We're not a country that runs prisons which locks people away without ever telling them why they're there or what they're charged with” (OBAMA, 2007).<sup>18</sup>

A partir do anúncio do cumprimento desses planos caso fosse eleito, Obama teve que lidar com críticas do candidato republicano, o senador John McCain, veterano da Guerra do Vietnã e defensor do desenvolvimento das políticas contra terrorismo adotadas por Bush além de uma intensificação daquelas relacionadas a retomada do “lugar que os EUA merecem no cenário internacional”. “America needs a president who can revitalize the country's purpose and standing in the world and defeat terrorist adversaries who threaten liberty at home and abroad” (MCCAIN, 2007).

---

<sup>18</sup> “Por que não fechamos Guantánamo e restauramos o direito de habeas corpus, porque assim é como lideramos, não com o poder militar, mas com o poder das nossas idéias e o poder dos nossos valores. É hora de mostrar ao mundo que não somos um país que manda prisioneiros na calada da noite para serem torturados em países distantes. Não somos um país que administra prisões que prendem pessoas sem nunca dizê-las por que elas estão lá ou de quê são acusadas.” (Tradução livre)

Apesar de ele mesmo já ter dito que também fecharia Guantánamo e afirmado que é contra o uso de técnicas de interrogação que causem desconforto físico ou emocional, quando senador, McCain votou contra a cessão de *Habeas Corpus* aos prisioneiros da base militar em questão, e também era favorável à continuidade dos tribunais militares, acreditando que os detentos de Guantánamo não poderiam ser julgados em um tribunal civil.<sup>19</sup>

As controvérsias sobre ações de política externa e “*homeland security*” continuaram por toda a campanha. A reação da mídia foi branda apesar do fato de que as guerras no Iraque e Afeganistão, assim como a imagem dos EUA no mundo eram assuntos bastante discutidos nas pautas jornalísticas, mas a atenção maior era a crise econômica, geração de empregos e na reforma do sistema de saúde, assuntos relacionados a problemas domésticos estadunidenses que, com frequência, entravam nos debates presidenciais e nas análises dos candidatos na mídia norte-americana e mundial.

Vale a pena frisar que a campanha de 2008 foi, sem precedentes, a que teve maior participação da mídia e mobilização popular na história (RIDGELAND, 2008). A equipe de Obama teve a participação de mais de 8 milhões de voluntários, os *Obamabots*, que utilizavam principalmente sítios da Internet e redes sociais eletrônicas para disseminar as propostas do candidato, além de um recorde de doações e jogadas de *marketing* como a *Obama girl*, uma heroína negra que, com roupas sensuais, fazia clipes musicais e postava-os no *Youtube*<sup>20</sup>.

Em 22 de janeiro de 2009, uma das primeiras ações de Barack Obama como presidente eleito foi determinar, através de uma ordem executiva, o fechamento do campo de detenção em Guantánamo em um período máximo de um ano, além do fim das comissões militares, colocando em curso uma de suas polêmicas promessas de campanha (GLABERSON; MAZETTI, 2009). No entanto, tais planos estagnaram-se e a promessa não foi cumprida.

Primeiramente, o Congresso negou-se a incluir 80 milhões de dólares requisitados por Obama no orçamento de defesa que seriam destinados para o

---

<sup>19</sup> Fonte: <http://obama-mccain.info/compare-obama-mccain-guantanamo.php>

<sup>20</sup> Vídeos disponíveis em: <http://www.youtube.com/show/obamagirl?s=1>

fechamento da base. Depois disso, em novembro, o principal nome relacionado a tais esforços, o *Counsel* Gregory Craig, pediu demissão. O Wall Street Journal comentara alguns meses antes do pedido de Craig a respeito de seu trabalho na Casa Branca:

Mr. Craig has come under criticism from inside the administration and in Congress for a perceived failure to manage the political issues that have originated from Mr. Obama's decision to close Guantanamo, according to officials in the administration and in Congress. This criticism has drawn focus away from president's priorities, such as health care and energy (PEREZ, 2009).<sup>21</sup>

A primeira característica que pode ser notada na atuação da mídia, em geral, quando referente a Guantánamo é a variedade de temas relacionados abordados nas matérias. O termo Guantánamo, na maioria das vezes, remete a assuntos como Terrorismo, Direitos Humanos e relações bilaterais entre Cuba e EUA. Outro aspecto notado na maioria das matérias e que pode ser um ponto em comum entre todos os meios de comunicação analisados no tocante a *Gitmo* (termo utilizado pela maioria dos meios de comunicação internacionais para abreviar a palavra Guantánamo) foi a preocupação com o grande passo que isso significaria para o mundo, provando a importância e relevância do tema.

A segunda característica foi o intenso uso de pesquisas de opinião. A mídia internacional apresenta vários resultados diferentes a respeito de *Gitmo*, para comprovar o interesse da opinião pública sobre o tema e o índice de aceitação da proposta, como em:

As for closing Guantanamo, the American public is split. About half want the prison shuttered on a priority basis, and 42 percent do not. And it's split along party lines. Two-thirds of Democrats want it done

---

<sup>21</sup> Sr. Craig recebeu críticas de dentro da administração e do Congresso pela percepção de fracasso ao lidar com as questões políticas que foram originadas da decisão do Sr. Obama de fechar Guantánamo, de acordo com oficiais da administração e do Congresso. Essas críticas tem tirado o foco das prioridades do presidente, como os setores de saúde e energia. (Tradução livre)

on a priority basis, compared with just a quarter of Republicans (JAKES, 2009).<sup>22</sup>

No entanto, depois de falarmos de alguns pontos gerais importantes e que podem ser vistos como semelhanças entre todos os meios de comunicação escolhidos neste trabalho, o indicado é fazer uma análise específica de cada um deles, registrando e analisando seus posicionamentos e peculiaridades.

### 3.2 *Granma Internacional*

Ao contrário do que se pode imaginar, mesmo sendo o jornal oficial do Partido Comunista cubano, esse meio de comunicação sofre forte influência das grandes agências de notícias internacionais, sendo inclusive o *The New York Times* citado em diversas peças jornalísticas.

Para el New York Times la única opción de Estados Unidos es cerrar el centro de detención y dar explicaciones a sus prisioneros de manera justa y abierta e indicó que en ese país se precisa una política de cárceles que se ajuste a las leyes. En su editorial, el importante rotativo afirma que es inhumano mantener a los presos indefinidamente en un lugar donde la tortura es algo común, y precisó que no es necesario confirmar todas las recomendaciones del grupo de inspección de Naciones Unidas para “observar aún más que la prisión es una vergüenza mundial” (GRANMA, 21 de fevereiro de 2006).<sup>23</sup>

Vê-se, assim, que a fonte escolhida foi a mais liberal possível, dado o caráter dos veículos de comunicação de grande porte existentes.

---

<sup>22</sup> Sobre o fechamento de Guantánamo o público americano está dividido. Aproximadamente a metade quer que a prisão seja fechada com prioridade e 42% não. Também está dividido entre os partidos. Dois terços dos democratas querem que isso seja feito com prioridade, comparado a apenas um quarto dos republicanos. (Tradução livre)

<sup>23</sup> Fonte: <http://www.granma.cu/espanol/2006/febrero/mar21/9guantanamo.html>

Apesar da base militar estar em território cubano arrendado há mais de um século, o Granma não se pronunciou muito a respeito do caso. O motivo pode estar relacionado ao fato do próprio governo cubano ser muitas vezes acusado, pelas mesmas ONGs e pela mesma imprensa que pressiona o governo americano no tocante à Guantánamo, de manter e inclusive maltratar presos políticos na ilha.

O que se pode perceber, no entanto, é um posicionamento muito defensivo do governo cubano, embora também exista uma vontade de negociar. Os assuntos que surgem no decorrer da discussão sobre o fechamento da Base Naval de Guantánamo dizem respeito, principalmente, à possibilidade de negociação para a retomada das relações bilaterais plenas entre Cuba e EUA.

Há, também, a publicação de diversos textos políticos no sítio do periódico, mostrando o intenso envolvimento da mídia como um mecanismo de reafirmação das políticas e opiniões do governo. Como exemplo, segue um trecho de um pronunciamento feito pelo Ministro das Relações Exteriores Felipe Pérez Roque, em 2003, a 82 meios de comunicação de 22 países e publicado pelo sítio Granma Internacional<sup>24</sup>:

(...) La comunidad internacional realmente lo que está es espantada de la guerra que su gobierno [dos EUA] ha desatado sin ningún tipo de autorización internacional, en contra de la opinión pública mundial, con enormes daños materiales, muerte de civiles, y que también ha habido espanto por los más de 600 presos que todavía están en la Base Naval de Guantánamo, en un limbo jurídico, tratados como no personas y pendientes de una decisión para presentarse en tribunales militares secretos norteamericanos (ROQUE, 2003).

Durante o curso do pronunciamento, dado em abril de 2003, vê-se um posicionamento extremamente contrário à permanência, assim como à influência dos EUA na ilha, o que no trecho acima é representado pela base militar em Guantánamo. O ministro chama atenção para a maneira como os detentos são tratados e como os mesmos se encontram em um “limbo jurídico”, além de enfatizar o repúdio do governo

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.granma.cu/documento/espanol03/012.html>

cubano às guerras do Iraque e Afeganistão, além dos danos materiais advindos do bloqueio econômico impetrado sobre a ilha.

Mais tarde, depois que a ONU aprovou a visita de um relator a Cuba, em 2004 e exigiu o fechamento da base, o *Granma* se pronunciou falando que “estiveram sempre certos” e denunciaram a onda de opinião pública que demandava explicações a respeito do que acontecia na prisão de Guantánamo, bem como seu imediato fechamento e devolução do território à ilha (CASSEL, 2006 *apud* ALONSO, 2006).

Dessa maneira, a polêmica veio à tona, porém a ordem executiva de 22 de janeiro de 2009, que determinava o fechamento da base militar em Guantánamo, não foi comentada imediatamente. O que há disponível online é uma citação dos planos de Obama apenas em julho do mesmo ano:

El presidente estadounidense, Barack Obama, reafirmó el jueves su decisión de cerrar la cárcel de Guantánamo pese a la creciente controversia, tildando a la prisión de "desastre", y condenando las tácticas antiterroristas basadas en el miedo de su predecesor George W. Bush informó, AFP. (...) A pocos minutos de terminado el discurso de Obama, el ex vicepresidente Dick Cheney, dijo que reivindica las políticas de seguridad del gobierno de Bush, y que volvería a tomar las mismas decisiones "sin dudarlo", y añadió que traer a Estados Unidos a los "peores terroristas" desde Guantánamo sería "un gran peligro". Obama retomó las riendas del debate un día después de que su proyecto de cerrar el centro de detención sufriera un revés en el Senado y luego de que el FBI alertara sobre el peligro de traer reclusos de esa prisión a suelo estadounidense (GRANMA, 14 de julho de 2009).

Poucos dias depois do pedido de demissão de Gregory Craig, o *Granma* voltou a abordar o assunto, comentando que não havia data para o cumprimento de tal ordem executiva.

Já em 2010, noticiaram que Obama havia admitido o fracasso quanto ao fechamento da prisão na “ilegal base de Guantánamo” (EFE *apud* GRANMA, 11 de setembro de 2010), além de evidenciar a incerteza sobre se Obama conseguirá ter apoio suficiente do Congresso para dar fim à base antes mesmo do fim de seu primeiro mandato presidencial.

Cabe chamar a atenção para o fato de que apesar de ser a versão internacional do *Granma*, o foco da maioria das notícias no sítio dá-se a partir do que se passa no cenário doméstico e nas relações com outros países aliados latino-americanos, sem que o plano internacional mais longínquo, ou a política externa norte-americana seja abordada tão freqüentemente.

Do ponto de vista conceitual, vemos que persiste a dependência do país subdesenvolvido para com os grandes meios de comunicação no que diz respeito à geração de notícias no meio internacional.

### 3.3 *Fox News*

Apesar de também ter um forte foco nos problemas internos dos Estados Unidos, como por exemplo a reforma do sistema de saúde, a situação de Guantánamo teve maior destaque na *Fox News*. O número de reportagens citando *Gitmo* foi tão grande que vale a pena lembrar que a pesquisa das matérias a serem analisadas foi feita com base na expressão “close + Guantánamo”, o que ainda rendeu 249 resultados.

As opiniões são, em geral, extremistas e as manchetes sensacionalistas. Alguns exemplos: “*Is the Obama White House taking national security seriously?*” (A Casa Branca de Obama está levando a segurança nacional a sério? - 30 de dezembro de 2009<sup>25</sup>) e “*Relatives of September 11 victim urges Obama to keep Gitmo open*” (Parentes de vítima do 11 de setembro clamam a Obama que mantenha *Gitmo* aberta - 17 de julho de 2009)<sup>26</sup>. O perigo de novos ataques terroristas e uma possível negligência do atual governo para com as políticas de segurança nacional são sempre enfatizadas. Não há uma preocupação sequer branda a respeito da questão dos Direitos Humanos e do antiamericanismo gerado no mundo durante a era Bush (2000-2008), cujos efeitos ainda causam constrangimentos e reações desfavoráveis por parte da opinião pública internacional.

---

<sup>25</sup> <http://www.foxnews.com/story/0,2933,581477,00.html>

<sup>26</sup> <http://www.foxnews.com/politics/2009/07/17/relatives-sept-victim-urges-obama-gitmo-open/>

Há uma identificação muito forte entre os autores das matérias e seus leitores. Dessa maneira, volta-se a discutir a proposição da Nova História Cultural, que propõe chamar atenção não só para quem escreve a história, mas também para o público alvo da história. Há muito espaço para críticas que, em sua maioria, são feitas por intelectuais de direita e/ou políticos republicanos, e pouco espaço para informações consistentes e fatos. Segue uma citação do então senador republicano pelo Estado do Texas, John Cornyn<sup>27</sup>:

Some would have us close Guantanamo Bay, release these dangerous terrorists so they can return to the battlefield and kill innocent civilians or our armed forces who are fighting in Afghanistan and Iraq. That's clearly not acceptable (CORNYN, 2006).<sup>28</sup>

O começo do debate se deu durante o ano de 2006, quando cerca de 500 homens encontravam-se presos no campo de detenção e depois da publicação do relatório da ONU sobre o uso de métodos de tortura na base naval de Guantánamo. No entanto, a matéria do dia 13 de fevereiro daquele ano apontou, principalmente, os erros do relatório, tal como a utilização dos advogados dos detentos como fonte legítima de fatos.

American officials said the most significant flaw of the report was that it judged U.S. treatment of detainees according to peacetime human rights laws. The United States contends it is in a state of conflict and should be judged according to the laws of war (FOX NEWS, 13 de fevereiro de 2006).<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,201979,00.html>

<sup>28</sup> Alguns ter-nos-iam fechando a Baía de Guantánamo, liberando esses perigosos terroristas para que eles possam retornar ao campo de batalha e matar civis inocentes ou nossas forças armadas que estão lutando no Afeganistão e Iraque. Isto é claramente inaceitável. (Tradução livre)

<sup>29</sup> Oficiais americanos disseram que a falha mais significativa do relatório foi que este julgou o tratamento dos EUA para com os detentos de acordo com as leis de paz. Os EUA estão num estado de conflito e deve ser julgado de acordo com as leis da guerra. (Tradução livre)

Em janeiro de 2007, quando o número de detentos já havia diminuído para 395, a *Fox News* voltou a comentar sobre *Gitmo* ao informar o acontecimento de protestos ao redor do mundo em Londres, Sidney, Nova Iorque e até na própria Cuba, na semana do quinto aniversário da prisão.

Já em junho desse mesmo ano, enfatizou o interesse do pré-candidato Barack Obama em fechar a base militar, depois de um discurso do mesmo no Texas, inclusive alegando na matéria que a administração Bush já estaria considerando tal idéia. A matéria de 30 de junho mostra o desenvolvimento dos primeiros passos rumo ao plano concreto de fechamento de *Gitmo*. Representantes democratas anunciaram interesse em cortar metade do orçamento do campo de detenção. A reação dos republicanos a essa proposta também foi registrada na mesma matéria<sup>30</sup>:

In a June letter to the president, Rep. Duncan Hunter said any plans to close Guantanamo were "misguided" and "dangerous." "Once these detainees are brought onto U.S. soil, the detainees may acquire minimal rights under the Constitution," including the right to protest their detentions in court, said Hunter of California, the top Republican on the Armed Services Committee. (via Associated Press – 30 de junho de 2007)<sup>31</sup>

Em uma das seções do sítio da Fox News, a “*If you were president*” (Se você fosse presidente) há a publicação de opiniões dos leitores e telespectadores da rede de televisão homônima, sendo estas 13,43% favoráveis e 86,57% contrárias ao fechamento do campo de detenção na ilha cubana, o que dá uma idéia mais nítida do público a quem este veículo se dedica. Uma das opiniões lá retratadas deixa claro como a mídia contribui ativamente e influi na solução do caso:

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,287416,00.html>

<sup>31</sup> Numa carta de junho ao presidente, o republicano Duncan Hunter disse que quaisquer planos de fechar Guantánamo são “mal guiados” e “perigosos”. “Uma vez que esses detentos cheguem em solo americano, eles poderão adquirir direitos mínimos sob a Constituição” incluindo o direito de protestar suas prisões em tribunal, disse Hunter da Califórnia, o maior republicano no Comitê de Serviços Armados. (Tradução livre)

”I would make use of the same media that has contributed so well to the negative perception of Gitmo by mounting a marketing campaign to educate the world of the value, purpose, and method of operation at Gitmo to fight misperception with reality. In this campaign, I would also feature stories of those humanely released, who then showed up trying to kill Americans and innocents again, as well as declassify a few positive counterterrorism results that have come from information acquired at Gitmo. I would summarize by showing that Gitmo helps fight the war on terror for all, while maintaining the values of all good moral people.” — *Larry (Ocoee, FL)*<sup>32</sup>

Já em junho de 2009, pesquisas de outra agência de notícias relacionada a *Fox News*, o *USA Today*, revelavam que a maioria dos americanos se opunham à proposta de Obama.

In the survey, Americans were inclined to accept the argument by Cheney and former president George W. Bush that the detention center had made the United States safer. By 40%-18%, they said the prison had strengthened national security rather than weakened it. Those who want the prison to remain open feel more strongly on the subject than those who want to close it. A 54% majority of those polled say the prison shouldn't be closed, and that they'll be upset if the administration moves forward to close it. (PAGE, 1 de junho de 2009)<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Não há autor da lista de opiniões, nem data de publicação da mesma. “Eu usaria a mesma mídia que contribuiu tão bem para a percepção negativa de Gitmo, montando uma campanha de marketing para educar o mundo sobre o valor, o propósito e o método de operação em Gitmo para lutar contra a percepção errada da realidade. Nesta campanha, eu incluiria histórias daqueles humanamente liberados que depois apareceram tentando matar americanos e inocentes de novo, assim como publicaria resultados contra terroristas confidenciais positivos que vieram de informações conseguidas em Gitmo. Eu resumiria mostrando que Gitmo ajuda na guerra contra o terror, mantendo os valores de todas as boas pessoas morais. (Tradução livre)

<sup>33</sup> Nessa pesquisa, americanos tenderam a aceitar o argumento de Cheney e o ex presidente George W. Bush que o centro de detenção tornou os EUA mais seguro. 40% acharam que a prisão fortaleceu a segurança nacional ao contrário de 18% que acharam que esta a enfraqueceu. Aqueles que querem a prisão deve permanecer aberta pensam mais fortemente sobre o assunto que aqueles que querem fechá-la. Uma maioria de 54% dos inquiridos dizem que a prisão não deve ser fechada, e que ficará chateado se o governo avançar para fechá-la. (Tradução livre)

Tais resultados são importantes para esta análise à medida que pesquisas semelhantes mostraram reações diferentes das retratadas pela opinião pública mundial e público de outros veículos de comunicação. A título de exemplo, pode-se citar a pesquisa feita pela *CBS News*, ligada ao grupo do *The New York Times*, em junho de 2009, cujos resultados afirmavam que 48% dos americanos eram favoráveis ao fechamento de Gitmo.

Já em julho de 2009, seis meses antes do *deadline* previsto, as matérias já se perguntavam se seria mesmo possível alcançar o objetivo das ordens executivas de janeiro. As negociações para mandar alguns detentos para prisões em países europeus e até o envio de alguns continuavam. Vale salientar que dois terços dos detentos já haviam sido liberados antes mesmo de Obama assumir a presidência, definindo a situação da prisão como uma “bagunça” (OBAMA, 2009).

Outro ponto importante é que sempre que uma notícia evidencia uma idéia ou ação de algum representante, senador democrata, ou alguém da equipe da Casa Branca buscando a solução do caso, muitas críticas advindas de políticos republicanos são expostas de modo a rebater a sugestão, a exemplo de quando a prisão em Illinois começou a ser cogitada, em dezembro de 2009, para receber os detentos em solo americano após o fim da utilização da base militar em Cuba.

"It's not an issue of how secure the prison is, it's an issue of giving terrorist enemy combatants access to the same rights as U.S. citizens," Rep. Lamar Smith of Texas, the top Republican on the House Judiciary Committee, said in a written statement late Friday. "There is no good reason to close Guantanamo Bay and no good purpose can be served by importing dangerous terrorists to the U.S. for detention and prosecution" (EMANUEL; PERGRAM, 2009).<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> "Não é uma questão do quão segura é a prisão, é uma questão de dar ao inimigo combatente terrorista acesso aos mesmos direitos que os cidadãos dos EUA", o deputado Lamar Smith, republicano do Texas disse em uma declaração escrita de sexta-feira, no Comitê Judiciário da Câmara. "Não há nenhuma boa razão para fechar Guantánamo e nenhum bom propósito pode ser servido pela importação de perigosos terroristas para os EUA para detenção e acusação" (Tradução livre)

Além dessa obsessão pelas opiniões conservadoras, as matérias são construídas de modo a fazer o leitor lembrar-se constantemente de quem são os detentos em Gitmo, citando os ataques terroristas e possíveis ligações de vários deles a Osama Bin Laden.

Existe uma abordagem constante da perda da data limite para o cumprimento das ordens executivas (janeiro de 2010), além de outras críticas às supostas desorganizações da administração Obama no tocante aos planos para Guantánamo e os detentos que ainda estão mantidos lá.

### 3.4 *CNN International*

A CNN acompanhou todos os momentos de Guantánamo através de colunas de opinião, matérias jornalísticas e pesquisas de opinião pública. Abordando praticamente as mesmas temáticas da *Fox News*, as mais de 500 matérias sobre *Gitmo* tiveram como principal diferença a sua objetividade e sua aparente imparcialidade, ou pelo menos, uma maior imparcialidade, se compararmos este àquele. A razão para tal é a utilização de fontes mais diversificadas, sendo que mais de a maioria das notícias foram publicadas após a vitória de Obama, o que nos mostra que o tema não foi levado a pauta muitas vezes como um tema que fosse decisivo para sua eleição.

Apesar de apresentar críticas severas sobre como a operação está sendo conduzida e sobre a perda de apoio popular e do Congresso americano no decorrer do tempo, o que terminou no não cumprimento do *deadline* proposto, as matérias são escritas em um tom mais formal e direto. Há uma maior ênfase em dados, com as informações e menos com opiniões.

Outra preocupação constante é no tocante ao julgamento dos detentos, pois não basta liberar os que não estão envolvidos em atos de terrorismo, repatriar outros ou mandar os mais “perigosos suspeitos” para outros países, procurando desarticular os grupos terroristas.

Uma outra característica importante são as pesquisas de opinião pública conduzidas pela CNN, que servem para legitimar as matérias por ela publicadas.

Shortly before Obama's inauguration, 51 percent of Americans said they thought the facility in Cuba should be closed. Now that number is down to 39 percent, and six in ten believe the United States should continue to operate Guantanamo. The poll, released Sunday, suggests independent voters are contributing to the 12 point overall drop. "Just Democrats still think that Guantanamo should be closed, but Independents have completely changed - from an even split in January 2009 to three-quarters who want to keep the facility open today," says CNN Polling Director Keating Holland. More than three out of four Republicans questioned in the poll think that the facility should stay open (STEINHAUSER, 2009).<sup>35</sup>

A CNN mostrou com maior clareza o conflito entre democratas e republicanos no congresso, dando espaço também para opiniões contrárias ao fechamento do campo de detenção em Guantánamo, vindas diretamente dos movimentos de opinião pública, a exemplo das famílias das vítimas do ataque terrorista ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001:

"I am opposed to the closing of this facility because of political reasons," said Gordon Haberman whose daughter, Andrea, was killed when terrorist planes struck the World Trade Center. "I believe that the current administration spoke too quickly on this. Haberman said he thinks President Obama should not insist on carrying out his campaign pledge to shutter the detention facility (CRATTY, 2009).<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Pouco antes da posse de Obama, 51 por cento dos americanos disseram acreditar que a instalação em Cuba deveria ser fechada. Agora esse número caiu para 39 por cento, e seis em cada dez acreditam que os Estados Unidos devem continuar a funcionar em Guantánamo. A pesquisa, publicada domingo, sugere que os eleitores independentes estão contribuindo para a queda de 12 pontos em geral. "Só os democratas ainda acham que Guantánamo deveria ser fechado, mas independentes mudaram completamente - de um empate em janeiro de 2009 a três quartos que querem manter a prisão aberta, hoje", diz o diretor da CNN Polling, Keating Holland. Mais de três dos quatro republicanos questionados na enquete acham que a instalação deve ficar aberta. (Tradução livre)

<sup>36</sup> "Eu sou contra o fechamento da unidade por causa de razões políticas", disse Gordon Haberman, cuja filha, Andrea, foi morta quando aviões terroristas atingiram o World Trade Center. "Eu acredito que a atual administração tomou essa decisão muito rapidamente. Haberman disse que acha que o presidente

Assim como o noticiado sobre Gregory Craig, a CNN também enfatizou a saída de Phillip Carter, outro importante nome e idealizador do processo que daria fim à base naval de Guantánamo. Ele renunciou formalmente algumas semanas depois de Craig, em novembro de 2009, o que pode ter desestabilizado ainda mais o curso das ações planejadas para o cumprimento do *deadline* estabelecido anteriormente.

Como se não bastassem as críticas incessantes da Fox News, a CNN recentemente também criticou Obama, mas sob uma visão distinta, chegando até a indicar que as ações (ou não ações) do presidente seriam comparáveis às da administração anterior.

Sixteen months after taking office and inheriting the Bush administration's war on terror, Barack Obama may be turning out just as tough as his predecessor. He's pulled back from his pledge to close Guantanamo Bay prison in Cuba, maintained Bush war policy in Iraq, escalated the effort in Afghanistan and authorized ongoing drone attacks in Pakistan as well (MANN, 2010).<sup>37</sup>

Em julho de 2010, publicaram a fala de um dos democratas mais influentes no Congresso Americano, Steny Hoyer, que afirmava que Guantánamo não se tratava de uma prioridade para o governo naquele momento.

In response to a question from a reporter about where shutting down Gitmo stands, Hoyer said, "I think that's not an item, as you point out, of real current discussion. There's some very big issues confronting us

---

Obama não deve insistir na realização de sua promessa de campanha de fechar o centro de detenção. (Tradução livre)

<sup>37</sup> Dezesesseis meses depois de tomar posse e herdar a guerra contra o terror da administração Bush, Barack Obama pode estar se tornando tão resistente quanto seu antecessor. Ele voltou atrás em sua promessa de fechar prisão de Guantánamo, em Cuba, manteve a política de Bush para a guerra no Iraque, intensificou esforços no Afeganistão e autorizou ataques no Paquistão também. (Tradução livre)

- dealing with growing the economy and Iraq and Afghanistan." Hoyer added, "I think you're not going to see it discussed very broadly in the near term" (WALSH, 2010).<sup>38</sup>

Das 562 notícias recolhidas no sítio da CNN Internacional, o que se torna mais interessante e diferente dos outros meios de comunicação analisados é o apelo à aparente falta de resiliência do presidente Obama no que rege as políticas de segurança nacional, em especial no caso que é tomado como objeto de estudo deste trabalho. Essa indecisão e falta de força política para conduzir as promessas rumo a suas realizações concretas é apontada como a principal diferença entre ele e seu antecessor, George W. Bush.

President Obama has had trouble sticking with his decisions. In several high-profile cases during his first year in the White House, there has been a pattern where the president takes a position on an important matter, feels the political heat for what he has said, and then backs off (ZELIZER, 2010).<sup>39</sup>

### 3.5 *The New York Times*

O *The New York Times* apresentou a cobertura mais completa entre todos os veículos analisados. Além das reportagens e sessões de opiniões, há o acesso há links relacionados e documentos oficiais que enriquecem o entendimento sobre Guantánamo.

---

<sup>38</sup> Em resposta a uma pergunta de um repórter sobre se o fechamento de Gitmo, Hoyer disse: "Eu acho que não é um item, como você aponta, da atual discussão real. Há alguns problemas muito grandes com que nos confrontamos. - Lidar com o crescimento da economia e Iraque e Afeganistão. " Hoyer acrescentou: "Eu acho que você não vai ver este tema discutido muito amplamente em curto prazo." (Tradução livre)

<sup>39</sup> O presidente Obama tem tido problemas para manter suas decisões. Em vários casos de alto perfil durante seu primeiro ano na Casa Branca, houve um padrão no qual o presidente toma uma posição sobre um assunto importante, sente o calor político do que ele disse, e depois recua. (Tradução livre)

São 926 artigos separados no sítio específico criado exclusivamente para o tema<sup>40</sup>. Destes, 246 resultados são para “*close Guantánamo*” se considerado um recorte temporal amplo (desde a data de fundação do jornal), mas somente 97 citações no último ano.

O The New York Times trouxe também uma visão mais balanceada dos fatos. O jornal surge dentro de um processo de reafirmação da liberdade de imprensa nos EUA e de separação da mídia com o governo, dando espaço, sempre que possível, aos “dois lados da moeda”. Briggs e Burke (2006) comentam sobre o nascimento do jornal:

O New York Times (1851), um jornal sensato e sensível, fundado por Henry Raymond (1929-69), um jovem repórter da equipe de Greeley seguia uma linha rigidamente balanceada, já no século XX, separando explicitamente “notícias” de “pontos de vista”. “Nós não acreditamos que cada coisa na sociedade seja completamente certa ou errada; Desejamos preservar e melhorar o que é bom; e exterminar e reformar o que é ruim” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 193).

A abertura para o aprofundamento das discussões sobre o fechamento de Guantánamo deu-se ainda em 2007. O The New York Times foi um dos únicos meios de comunicação, dentre os analisados, que evidenciou outros nomes (independente de filiação política, raramente generalizando-os), como o de Robert Gates a favor do projeto. Gates assumiu em 2006 e desde então é Secretário de Defesa, permanecendo no cargo até a atualidade.

Desde o princípio, o jornal preocupa-se com a comunidade internacional geral, fazendo ligações da prisão de Guantánamo com a necessidade de uma solução tomada não somente pelos EUA, mas sim por um conjunto de países do cenário político mundial.

---

40

Disponível

em:

<http://topics.nytimes.com/top/news/national/usstatesterritoriesandpossessions/guantanamobaynavalbasecu/ba/index.html?scp=1&sq=quant%20Guantánamo%202008&st=cse>

In an interview on Thursday, Gordon England, the deputy secretary of defense who is Gates's point man on detention issues, suggested that the long-term answer to Guantánamo might be creating some new international legal structure or set of multilateral agreements to manage captured members of global terrorist organizations. "I don't know the alternative unless the international community, frankly, develops an alternative," England said. "It is not a U.S. problem. It is an international problem to be dealt with" (SANGER; SHANKER, 22 de março de 2007, p. 2).<sup>41</sup>

No entanto, em maio de 2008, numa nota de acompanhamento sobre a proposta de Gates de que dever-se-ia agir concretamente, o jornal publicou:

Despite an overwhelming desire to close the United States prison at Guantánamo Bay, Cuba, there has been little progress, Defense Secretary Robert M. Gates told a Senate panel today: "The brutally frank answer is that we're stuck and we're stuck in several ways." There are about 270 inmates left there, he said, but an "irreducible 70 or 80" of them cannot be released. In these cases, home governments either refuse to accept the prisoners or seem likely to set them free. American prisons are just as unwilling to hold the accused terrorists. "We have a serious 'not in my backyard' problem," he said (NIZZA, 20 de maio de 2008).<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Em entrevista na quinta-feira, Gordon England, o vice-secretário de defesa que é o homem de Gates para questões de detenção, sugeriu que a resposta a longo prazo para Guantánamo pode estar criando uma estrutura jurídico internacional, ou um conjunto de acordos multilaterais para gerenciar membros de organizações terroristas globais capturados. "Eu não sei a alternativa a não ser que a comunidade internacional, francamente, desenvolva uma alternativa", disse England. "Não é um problema dos EUA. É um problema internacional a ser tratado." (Tradução livre)

<sup>42</sup> Apesar de um enorme desejo de fechar a prisão na Baía de Guantánamo, em Cuba, tem havido poucos progressos, disse o secretário de Defesa Robert M. Gates, a um painel do Senado de hoje: "A resposta brutalmente franca é que nós estamos presos e nós estamos presos de várias maneiras. "Existem cerca de 270 detentos lá, ele disse, mas uma quantidade "irredutível de 70 ou 80" deles não podem ser liberados. Nestes casos, os governos ou se recusam a aceitar os prisioneiros ou podem libertá-los. Prisões americanas estão igualmente indispostas a manter os terroristas acusados. "Temos um grave problema de "não no meu quintal", disse ele. (Tradução livre)

Já em dezembro de 2008, o veículo já noticiava o interesse de Portugal<sup>43</sup> e outros países europeus em cooperar e receber detentos para que a prisão pudesse ser fechada o mais rápido possível.

O campo de detenção em Guantánamo é tido como uma das causas (assim como as duas guerras no Oriente Médio) para o declínio da imagem dos EUA no mundo e a ordem executiva de 22 de janeiro de 2009 que determinavam sua desativação foi noticiada de maneira semelhante aos outros meios de comunicação analisados neste estudo.

Em maio de 2009, o The New York Times já evidenciava o fracasso das negociações no Senado e no Congresso, comentando que os líderes democratas, apesar de apoiar o projeto haviam “desistido” dele e por esse motivo não aprovavam fundos para levá-lo a cabo.

The Senate voted overwhelmingly on Wednesday to cut from a war spending bill the \$80 million requested by President Obama to close the detention center at Guantánamo Bay, Cuba, and to bar the transfer of detainees to the United States and its territories. (HERSZENHORN, 20 de maio de 2009)<sup>44</sup>

O jornal não deixa claro se o problema foi falta de vontade política ou até falta de organização da administração, mas faz menção à ausência de planos detalhados sobre o que exatamente seria feito com os 240 detentos restantes na ilha cubana.

Já em 2010, o jornal noticiou que Guantánamo havia deixado de ser prioridade e mostrou descrédito quanto ao fato de que o projeto venha a se concretizar antes do fim do primeiro mandato de Obama.

---

<sup>43</sup> Ver mais informações em: <http://www.nytimes.com/2008/12/12/world/europe/12portugal.html?scp=23&sq=%22close%20guantana%22&st=cse>

<sup>44</sup> O Senado votou esmagadoramente na quarta-feira para cortar os US \$ 80 milhões solicitados pelo presidente Barack Obama para fechar o centro de detenção na Baía de Guantánamo, em Cuba, e transferir detidos para os Estados Unidos e seus territórios. (Tradução livre)

## CONCLUSÃO

A partir do momento em que se considera a mídia como um novo ator, devemos também dotá-la de responsabilidade pela construção das relações internacionais. Isso porque os meios de comunicação tornam-se um dos únicos meios pelos quais a massa tem acesso ao que se passa nos bastidores da maioria das negociações internacionais de alto perfil.

Considerando a tendência cada vez mais democrática da construção das políticas, atualmente, é principalmente através da grande mídia e seus mais variados perfis que a população pode formar uma opinião contrária ou favorável ao andamento de certas ações políticas e conseqüentemente realizar qualquer tipo de pressão para a definição ou implementação de tais ações.

No entanto, o campo reservado para o estudo da influência da mídia dentro das relações internacionais ainda se encontra em desenvolvimento e percebe-se que o problema da academia não é uma indiferença com essa nova temática, mas o fato de que ao momento em que esta é reconhecida, é logo marginalizada e não é tida como essencial na construção de políticas ou na análise dos acontecimentos internacionais.

Vê-se também que, apesar de terem posicionamentos diferentes em relação a problemática, os meios de comunicação analisados seguem padrões semelhantes, mecanismos de convencimento parecidos e até apresentam discursos semelhantes.

Ao retomar os perfis de Gilboa (2002), percebe-se que a mídia tem cada dia mais assumido um posicionamento chave para o desenvolvimento do projeto de fechamento de Guantánamo. Ao dar voz às ONGs e à parcela da opinião pública internacional, trazendo a questão à pauta, a mídia exerce o perfil controlador, embora aja como coator. Já ao evidenciar a perda do *deadline* para a desativação total da base naval, por exemplo, porta-se como agente constrangedor, que lida com a política em tempo real e demanda tomadas de decisões e ações concretas.

No mais, resta saber se o campo de detenção será realmente desativado, visto que a administração Obama vem sendo bastante criticada por não estar agindo com a veemência que era esperada dele nos primeiros meses de governo.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Seth. *The Most Biased Name in News Fox News Channel's extraordinary right-wing tilt*. July/August 2001. Disponível em: <http://www.fair.org/index.php?page=1067> Acesso em: 31/10/2010.

ADLER, Emanuel. *Constructivism and International Relations*. In: CARLSNAES, Walter; RISSE, Thomas; SIMMONS, Beth A. *Handbook of International Relations*. Sage Publications, 2002.

AGUIAR, Pedro. *Jornalismo internacional em redes*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/28056680/Cadernos-da-Comunicacao-Jornalismo-Internacional-em-Redes> Acesso em: 20/10/2010

ALONSO, Emir Olivares. *Investigador estadunidense condena política terrorista de Bush*. 27 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.granma.cu/espanol/2006/junio/mar27/investigador.html> Acesso em: 02/11/2010.

BOADLES, Anthony. *CASTRO: Cuba not cashing US Guantanamo rent checks*. 17 de agosto de 2007. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/idUSN17200921> Acesso em: 13/11/2010.

BROWNBACK, Sam. *Comentary: Don't rush to close Guantanamo*. 23 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2009/POLITICS/01/23/brownback.guantanamo/index.html?iref=storysearch> Acesso em 02/11/2010.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e Relações Internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003*. Curitiba: Juruá. 2009.

CARTER, Bill. *CNN Falls Behind MSNBC in Annual Prime-Time Ratings*. 16 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/12/17/business/media/17cnn.html> Acesso em: 02/11/2010.

CORNYN, John. in FOX NEWS. *What should US do with Guantanamo detainees?* 3 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,201979,00.html> Acesso em: 31/10/2010.

CRATTY, Carol. *Sept. 11 families: Keep Guantanamo Bay open*. 17 de julho de 2009. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2009/POLITICS/07/17/gitmo.families/index.html?iref=storysearch> Acesso: 02/11/2010.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EMANUEL, Mike; PERGRAM, Chad. *Illinois officials cheer memo that may bring Gitmo to State*. 12 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/politics/2009/12/12/illinois-officials-cheer-white-house-gitmo-memo/> Acesso em: 31/10/2010

Encyclopædia Britannica. 2010. *Encyclopædia Britannica Online*. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/241724/Granma> Acesso em: 02 /11/2010.

FOX NEWS. *Democrats aim to cut Guantanamo fund by half*. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,287416,00.html> Acesso em: 31/10/2010.

FOX NEWS. *Is the Obama White House taking national security seriously?* 30 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,581477,00.html> Acesso em 31/10/2010.

FOX NEWS. *Relatives of Sept. 11 victim urges Obama to keep Gitmo open*. 17 de julho de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/politics/2009/07/17/relatives-sept-victim-urges-obama-gitmo-open/> Acesso em: 31/10/2010.

FOX NEWS. *UN says Guantanamo detainees were tortured*. 13 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,184708,00.html> Acesso em: 31/10/2010.

FOX NEWS. *What should US do with Guantanamo detainees?* 3 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,201979,00.html> Acesso em: 31/10/2010.

GILBOA, Eytan. *Global Communication and Foreign Policy*. Journal of Communication, Dezembro de 2002, 731-748.

\_\_\_\_\_, Eytan. *Media Diplomacy: Conceptual divergence and applications*. Harvard International Journal of Press/Politics, 3, 56-75.

GLABERSON, William. *News Analysis- Detention Camp Remains, but Not Its Rationale*. 13 de junho de 2008a. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/06/13/washington/13gitmo.html> Acesso em: 02/11/2010.

GLABERSON, William. *Move May Help Shut Guantánamo Camp*. 11 de dezembro de 2008b. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/12/12/world/europe/12portugal.html?scp=23&sq=%22close%20guantanamo%22&st=cse> Acesso em: 02/11/2010.

GLABERSON, William; MAZETTI, Mark. *Obama Issues Directive to Shut Down Guantánamo*. 22 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/01/22/us/politics/22gitmo.html?ref=guantanamoobaynavalbasecu> Acesso: 02/11/2010.

GRANMA. *Obama admite fracaso en cuanto al cierre de cárcel en la ilegal base de Guantánamo*. 11 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.granma.cu/espanol/internacional/11septiembre-obama.html> Acesso em: 02/11/2010.

GRANMA. *Obama reafirma decisión de cerrar Guantánamo y ataca "desastre" de Bush*. 14 de julho de 2009. <http://www.granma.cu/espanol/2009/julio/mar14/obama.html> Acesso em: 02/11/2010.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e Poder: A presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. 13ª edição. Petrópolis, Vozes, 1987.

GUAZINA, Liziane. *O Conceito de Mídia na Comunicação e na Ciência Política*. Revista Debates, Vol. 1, No 1, 2007.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público*. São Paulo: Futura, 2003.

HERSZENHORN, David. *Funds to close Guantánamo denied*. 20 de maio de 2009. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2009/05/21/us/politics/21detain.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2009/05/21/us/politics/21detain.html?_r=1) . Acesso em: 31/10/2010.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

*If you were president*. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,197463,00.html>  
Acesso em: 31/10/2010.

JAKES, Lara. *Obama signs order to close Guantanamo in a year*, 22 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/wires/2009Jan22/0,4670,TerrorOrders,00.html> Acesso em: 02/11/2010.

LIPPMAN, Walter. *The Public Opinion*. Transaction Publishers, 1998. New Brunswick, Jersey.

MANN, Jonathan. *Obama gets tougher over terrorism*. 14 de maio de 2010. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2010/POLITICS/05/14/mann.constitutional.rights/index.html?iref=storyearch> Acesso em: 02/11/2010.

MARINUCCI, Raquel Boing. *Relações Internacionais e Mídia*. Universitas: Relações Internacionais, Vol. 6, No 1, 2008.

MCCAIN, John. *An Enduring peace built on freedom*. Nov/Dez 2007. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/63007/john-mccain/an-enduring-peace-built-on-freedom>  
Acesso em: 14 de outubro de 2010.

MCCOMBS. MAXWELL. *The Agenda-Setting Function of the Press* In: OVERHOLSER, Geneva. *The Institutions Of American Democracy: The Press*, 1ª edição. Oxford University Press, 2005.

MELLO, Patricia; SIMON, Roberto. *Saiba mais sobre a base naval americana de Guantánamo*. 22 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,saiba-mais-sobre-a-base-naval-americana-de-guantanamo,311148,0.htm> Acesso em: 02/11/2010

MONTOPOLI, Brian. 17 de junho de 2009. *Poll: Support for Closing Guantanamo Grows*. [http://www.cbsnews.com/8301-503544\\_162-5094530-503544.html](http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-5094530-503544.html) Acesso em: 02/11/2010.

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

NELSON, Sonia Ambrosio de. *Globalização e comunicação internacional*. Ano 15, 1º semestre 2008, p.60-72, 2008.

NIZZA, Mike. *Close Guantánamo? 'We're Stuck,' Gates Says*. 20 de maio de 2008. Disponível em: <http://thelede.blogs.nytimes.com/2008/05/20/close-guantanamo-were-stuck-gates-says/?scp=2&sq=%22close%20guantanamo%22&st=cse> Acesso em: 02/11/2010.

NOGUEIRA, João Pontes. MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates*. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2005.

*Obama vs. McCain on Guantánamo*. Disponível em: <http://obama-mccain.info/compare-obama-mccain-guantanamo.php> Acesso em: 02/11/2010.

OBAMA, Barack H. *President Obama's Speech on National Security*. 21 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/politics/2009/05/21/raw-data-text-president-obamas-speech-national-security/> Acesso em: 02/11/2010.

OBAMA, Barack H. *Take Back America 2007 Conference Speech*, 19 de junho de 2007. Disponível em: [http://www.barackobama.com/2007/06/19/remarks\\_of\\_senator\\_barack\\_obam\\_16.php](http://www.barackobama.com/2007/06/19/remarks_of_senator_barack_obam_16.php)

OKRENT, Daniel. *THE PUBLIC EDITOR; Is The New York Times a Liberal Newspaper?* 26 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/07/25/opinion/the-public-editor-is-the-new-york-times-a-liberal-newspaper.html> Acesso em: 02/11/2010.

ONUF, Nicholas. *Constructivism: a user's manual*. In: KUBÁLKOVÁ, Vendulka; ONUF, Nicholas; KOWERT, Paul (Ed.): *International Relations in a constructed world*. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 1998.

PAGE, Susan. *Poll: Most oppose closing Gitmo*. 6 de janeiro de 2009. Disponível em: [http://www.usatoday.com/news/world/2009-06-01-gitmo\\_N.htm](http://www.usatoday.com/news/world/2009-06-01-gitmo_N.htm) Acesso em 02/11/2010.

PEREZ, Evan. *White house Counsel's job at stake*. 4 de agosto de 2009. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB124935604510503669.html> Acesso em: 02/11/2010.

RADENOVIC, Milan Rados. *Opinião pública mundial: formar ou manipular?* Prisma.Com, n. 2, 2006.

RIDGEWAY, James. *Obama's army determined to get out the vote*. 29 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/uselectionroadtrip/2008/oct/29/obama-campaign-volunteers> Acesso em: 02/11/2010.

ROBINSON, Piers. *The policy-media interaction model: Measuring media power during humanitarian crisis*. Journal of Peace Research, v. 37, n.5, set. 2000, p. 613-633.

RUGGIE, John G. *Constructing the world polity – Essays on international institutionalization*. New York/London: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. *What makes the world hang together? Neo-utilitarianism and the Social Constructivist Challenge*. International Organization, Vol 52, No. 4. International Organization at Fifty: Exploration and contestation in the study of world politics. (1998):855-885.

SANCHEZ, Giovana. *'Briga' entre EUA e Cuba já dura 47 anos*. 29 de julho de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1085726-16107,00-BRIGA+ENTRE+EUA+E+CUBA+JA+DURA+ANOS.html> Acesso em: 02/11/2010

SANGER, David E.; SHANKER, Thom. *New to Pentagon, Gates argued for closing Guantánamo*. 22 de março de 2007. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2007/03/23/world/americas/23iht-web-0323gitmo.5001109.html?pagewanted=1&%2359;close%20guantanamo&%2334&\\_r=1&sq&st=cse&%2359;&scp=13](http://www.nytimes.com/2007/03/23/world/americas/23iht-web-0323gitmo.5001109.html?pagewanted=1&%2359;close%20guantanamo&%2334&_r=1&sq&st=cse&%2359;&scp=13) Acesso em: 02/11/2010.

SAVAGE, Charlie. *Closing Guantánamo Fades as a Priority*. 25 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/06/26/us/politics/26gitmo.html> Acesso em: 02/11/2010.

SELSKY, Andrew. *Senator McConnell blasts plan to close Guantanamo*. 21 de abril de 2009. Disponível em: [http://www.newsvine.com/\\_news/2009/04/21/2714035-senator-mcconnell-blasts-plan-to-close-guantanamo](http://www.newsvine.com/_news/2009/04/21/2714035-senator-mcconnell-blasts-plan-to-close-guantanamo) Acesso em: 13/10/2010.

SIERRA, J.A. *Text of the Platt Amendment*. Disponível em: <http://www.historyofcuba.com/history/platt.htm> Acesso em: 10/09/2010.

STEINHAUSER, Paul. *CNN Poll: Big shift on closing of Guantanamo Bay facility*. 29 de março de 2009. Disponível em: <http://politicalticker.blogs.cnn.com/2010/03/29/cnn-poll-big-shift-on-closing-of-guantanamo-bay-facility/> Acesso em: 02/11/2010.

STELTER, Brian. *A Volley between Fox News and Obama Administration*. 11 de outubro de 2009. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2009/10/12/business/media/12fox.html?\\_r=2&pagewanted=2](http://www.nytimes.com/2009/10/12/business/media/12fox.html?_r=2&pagewanted=2) Acesso em: 02/11/2010.

UNESCO. *One World, Many Voices. A report by the international commission for the study of communication problems.* Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf> Acesso em: 02/11/2010.

WALSH, Diedre. *Gitmo shut-down not a priority, top Dem says.* 20 de julho de 2010. Disponível em: <http://politicalticker.blogs.cnn.com/2010/07/20/gitmo-shut-down-not-a-priority-top-dem-says/?iref=storysearch> Acesso em: 02/11/2010.

WENDT, Alexander. *The agent-structure problem in International Relations.* International Organization, Vol.42, No. 3 (1987)

\_\_\_\_\_. *Anarchy is what states make of it.* International Organization, Vol.46, No. 2 (1992)

ZELNY, Jeff. *Craig resigns as White House Counsel.* 13 de novembro de 2009. Disponível em: <http://thecaucus.blogs.nytimes.com/2009/11/13/craig-resigns-as-white-house-counsel/> Acesso em: 02/11/2010.

ZELIZER, Julian E. *Obama risks being called 'The Undecider'.* 18 de março de 2010. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2010/OPINION/03/18/zelizer.obama.undecider.risk/index.html?iref=storysearch> Acesso: 02/11/2010